

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DAIANE JAMIELNIAK
FÁBIO HENRIQUE DECKER
LETÍCIA HELEN DECKER



VÍDEO INSTITUCIONAL DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CURITIBA
2011

DAIANE JAMIELNIAK
FÁBIO HENRIQUE DECKER
LETÍCIA HELEN DECKER

VÍDEO INSTITUCIONAL DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Relatório apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Tecnólogo em Comunicação Institucional, no curso de graduação em Tecnologia em Comunicação Institucional, Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Mestre Flávia Lúcia Bazan Bespalhok

CURITIBA
2011

TERMO DE APROVAÇÃO

DAIANE JAMIELNIAK
FÁBIO HENRIQUE DECKER
LETÍCIA HELEN DECKER

VÍDEO INSTITUCIONAL DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Relatório aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo no Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional, Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Mestre Flávia Lúcia Bazan Bernal
Orientadora - Setor de Educação Profissional e Tecnológica da
Universidade Federal, UFPR.

Profa. Mestre Juliane Martins
Setor de Educação Profissional e Tecnológica da
Universidade Federal, UFPR.

Prof. Dr. Francisco José Pereira de Campos Carvalho
Departamento de Solos e Engenharia Agrícola, UFPR.

Curitiba, 12 de dezembro de 2011.

Aos nossos pais e familiares, que foram grandes incentivadores e que sempre acreditaram nos nossos sonhos.

AGRADECIMENTOS

À nossa orientadora, Profa. Flávia Lúcia Bazan Bepalhok, pelo acompanhamento, orientação e amizade.

Ao Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional, do Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná, na pessoa de sua coordenadora Profa. Flávia Lúcia Bazan Bepalhok, pelo apoio recebido.

Ao colegiado do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional, pela compreensão aos momentos difíceis.

Aos Professores Silvana Maria Carbonera, Allan Valenza da Silveira, Palmira Sevegnani, Soraya Sugayama e Vanessa Gonçalves Curty pelas contribuições e sugestões no trabalho.

À Ângela Pereira de Farias Mengatto, por estar sempre pronta a cooperar.

O agradecimento ao próprio grupo da pesquisa que, estavam sempre presentes em todo o processo de elaboração deste trabalho, nos bons e maus momentos.

O que for a profundidade do teu ser, assim será teu desejo.
O que for o teu desejo, assim será tua vontade.
O que for a tua vontade, assim serão teus atos.
O que forem teus atos, assim será teu destino.

Brihadaranyaka Upanishad

RESUMO

O presente relatório se propõe a produzir um vídeo institucional para o Curso Superior de Tecnologia em Produção Cênica da Universidade Federal do Paraná. Para tanto, além da produção do vídeo em si, contempla também algumas formas e concepções de vídeos usados no campo institucional, bem como todas as etapas de produção deste tipo de audiovisual. O vídeo produzido para o curso de Produção Cênica tem o intuito de reafirmar a identidade do curso e será disponibilizado em seu site oficial.

Palavras- Chave: Audiovisual. Vídeo institucional. Curso Superior de Tecnologia em Produção Cênica.

ABSTRACT

This present report proposes to produce an institucional video of the Graduation Course of Technology in Scenic Production of the Federal University of Paraná. Hence, besides the video production it self this study, also contemplates some video types and conceptions used in the institucional field, as well as every production stages of this audio-visual type. The produced video of the Scenic Production course has the intention to reassure the course's identity and it will be available in the faculty's official website.

Keyword: Audio-visual. Institutional Video. Graduation Course of Technology in Scenic Production

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1-	EXEMPLO DE ROTEIRO.....	23
FIGURA 1-	GRANDE PLANO GERAL	29
FIGURA 2-	PLANO GERAL.....	29
FIGURA 3-	PLANO DE CONJUNTO.....	29
FIGURA 4-	PLANO AMERICANO.....	30
FIGURA 5-	PLANO MÉDIO.....	30
FIGURA 6-	PRIMEIRO PLANO.....	31
FIGURA 7-	CLOUSE-UP.....	31
FIGURA 8-	DETALHE.....	32
FIGURA 9-	PLANO E CONTRAPLANO.....	32
FIGURA 10-	ZOOM-IN e ZOOM-OUT.....	32
QUADRO 2-	ROTEIRO DO PROCESSO DE FILMAGEM.....	54
FOTO 1-	ESPAÇO FÍSICO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA.....	67
FOTO 2-	SALAS DE AULA DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA.....	68
FOTO 3-	SALA DE AULA DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA.....	68
FOTO 4-	SALA DE ENSAIOS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA.....	69
FOTO 5-	PAREDE COM PINTURAS ELABORADAS POR ALUNOS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA.....	69
FOTO 6-	CADEIRA ELABORADA POR ALUNOS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA.....	70

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O VÍDEO	14
2.1 A HISTÓRIA DE PRODUÇÃO DE VÍDEO NO BRASIL.....	14
2.2 O VÍDEO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO.....	15
2.3 O USO DOS VÍDEOS NAS CORPORAÇÕES.....	16
2.4 OS TIPOS DE VÍDEO.....	17
2.4.1 Vídeo institucional.....	17
2.4.2 Vídeo empresa.....	17
2.4.3 Vídeo integração.....	18
2.4.4 Vídeo treinamento.....	18
2.4.5 Vídeo jornal.....	18
2.4.6 Vídeo motivacional.....	18
2.4.7 Vídeo promocional.....	19
2.4.8 Apresentação de “case”.....	19
2.4.9 Vídeo manual ou manual eletrônico.....	19
2.4.10 Digital signage.....	19
2.4.11 Tele aula.....	19
2.4.12 Catálogo eletrônica e propaganda de produto.....	20
2.5 QUANDO E PORQUE UTILIZAR O VÍDEO.....	20
3 PRODUÇÃO DE UM VÍDEO	22
3.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	22
3.1.1 Briefing.....	22
3.1.2 Roteiro.....	23
3.1.3 Direito autoral e autorização de imagem.....	24
3.1.3.1 Aspectos de uso de imagens, citações e obra de terceiros em audiovisuais.....	26
3.2 PRODUÇÃO.....	28
3.2.1 Enquadramento e posicionamento de câmera.....	28
3.2.1.1 Grande plano geral (GPG).....	28
3.2.1.2 Plano geral (PG).....	29
3.2.1.3 Plano de conjunto (PC).....	29
3.2.1.4 Plano americano (PA).....	30
3.2.1.5 Plano médio (PM).....	30
3.2.1.6 Primeiro plano (PP).....	31
3.2.1.7 Close-up.....	31
3.2.1.8 Detalhe.....	32
3.2.1.9 Plano e contraplano.....	32
3.2.1.10 Zoom-in e zoom-out.....	32
3.2.2 Movimentos de câmera e ângulos.....	33
3.2.2.1 Panorâmica (PAN).....	33
3.2.2.1.1 Pan horizontal.....	33
3.2.2.1.2 Pan vertical (ou tilt).....	33
3.2.2.2 Chicote.....	34
3.2.2.3 Travelling.....	34
3.2.2.3.1 Travelling de acompanhamento.....	34

3.2.2.3.2 Travelling de aproximação e afastamento.....	34
3.2.2.4 Grua.....	35
3.2.2.5 Câmera subjetiva.....	35
3.2.2.6 Câmera alta.....	35
3.2.2.7 Câmera baixa.....	35
3.2.2.8 Câmera de pico (plongée=mergulho).....	36
3.2.2.9 Contra pico (contra plongée).....	35
3.2.2.10 Diagonal.....	36
3.2.2.11 Chroma-key.....	36
3.2.3 Iluminação.....	36
3.2.3.1 Iluminação dura.....	37
3.2.3.2 Iluminação suave.....	37
3.2.3.3 Iluminação da produção.....	37
3.2.3.3.1 Luz-chave ou key light.....	37
3.2.3.3.2 Luz de preenchimento, luz secundária ou fill light.....	37
3.2.3.3.3 Contraluz ou back light.....	38
3.2.3.4 Iluminação interna e externa.....	38
3.2.3.4.1 Luz do dia (externa).....	38
3.2.3.4.2 Luz artificial (interna).....	38
3.2.3.5 Detalhes a se considerar.....	39
3.2.4 Áudio.....	39
3.3 PÓS-PRODUÇÃO.....	40
3.3.1 Decupagem.....	41
3.3.2 Edição.....	41
3.3.2.1 Edição paralela.....	42
3.3.2.2 Edição de montagem.....	42
3.3.2.3 Edição continuada.....	43
3.3.2.4 Edição dinâmica.....	43
3.3.2.5 Cortes.....	43
3.3.2.5.1 Corte seco.....	43
3.3.2.5.2 Corte correspondente.....	43
3.3.2.5.3 Corte abrupto.....	44
3.3.2.5.4 Cutaway.....	44
3.3.2.5.5 Corte em reação.....	44
3.3.2.5.6 Insert.....	44
3.3.2.6 Tempo.....	44
3.3.2.6.1 Tempo comprido.....	45
3.3.2.6.2 Tempo simultâneo.....	45
3.3.2.6.3 Plano sequência.....	45
3.3.2.6.4 Câmera lenta.....	45
3.3.2.6.5 Câmera rápida.....	45
3.3.2.6.6 Reverse motion.....	45
3.3.2.6.7 Replay instantâneo.....	46
3.3.2.6.8 Imagem congelada.....	46
3.3.2.6.9 Flashback.....	46
3.3.2.7 Transições.....	46
3.3.2.7.1 Fusão.....	46
3.3.2.7.2 Fade-out fade-in.....	46

3.3.2.7.3 Wipe.....	47
3.3.2.7.4 Tela dividida.....	47
3.3.2.7.5 Overlays, ou sobreposição.....	47
3.3.2.8 Elementos gráficos em um vídeo.....	47
3.3.2.8.1 Texto.....	47
3.3.2.8.2 Câmera com controle de movimento.....	48
3.3.2.8.3 Correção de cores.....	48
3.3.2.8.4 Composição.....	48
4 PROJETO DO VÍDEO INSTITUCIONAL.....	49
4.1 INTRODUÇÃO.....	49
4.2 OBJETIVO GERAL.....	49
4.3 JUSTIFICATIVA.....	50
4.4 MÉTODOS DE PRODUÇÃO.....	50
4.5 ASPECTOS EDITORIAIS.....	51
4.6 PÚBLICO ALVO.....	51
4.7 ESTRUTURA E FORMATO.....	52
4.8 PROJETO VIDEOGRÁFICO.....	52
4.8.1 Trilhas.....	52
4.9 RECURSOS HUMANOS.....	52
4.10 RECURSOS TÉCNICOS.....	53
4.11 ROTEIRO.....	53
4.12 EDIÇÃO.....	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	63
APÊNDICES.....	64
ANEXOS.....	80

1 INTRODUÇÃO

Os diferentes formatos de vídeos têm sido considerados uma das mais importantes e eficazes ferramentas da comunicação. A demanda gerada pela produção desses vídeos, geralmente, tem interessado às grandes e médias empresas como opção de divulgação.

O segmento de produção de vídeo ganhou um impulso muito grande no século XX, comprovando a máxima que afirma que "uma imagem diz mais do que mil palavras" (ZANETTI, 2010, p. 05). Quando o homem conseguiu dar movimento às fotografias surgiu o cinema, e com ele, novos formatos audiovisuais. Mais tarde, vieram as produções em vídeo, que também se aprimoraram. Hoje em dia, com as novas tecnologias, pode-se produzir e ter acesso a vídeos até por telefones celulares.

Assim, no intuito de compreender melhor a área de produção de vídeos e ter a possibilidade de suprir essa demanda, de vídeos alternativos voltados para a comunicação, a proposta desse trabalho se propõe a desenvolver um vídeo institucional para o curso de Tecnologia em Produção Cênica da Universidade Federal do Paraná. A produção permitirá divulgar, como também, reforçar com qualidade, a identidade do curso, que muitas vezes é confundido com um antigo curso que havia na universidade, o curso Técnico em Artes Cênicas, sendo que o curso de Tecnologia em Produção Cênica tem uma proposta diferente do curso Técnico. Esse vídeo será destinado ao site do próprio curso, como ferramenta de apoio para auxiliar os futuros alunos. Sendo assim, informará a história e o foco principal da graduação, como a formação de produtores cênicos.

Para dar início a esse intento, procuramos entender como se faz um trabalho científico e, por conseguinte, entender o que é metodologia científica, que na acepção de Marconi e Lakatos (2007) consiste em um conjunto de métodos e técnicas detalhadas para atingir o objetivo proposto.

Todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos; em contrapartida, nem todos os ramos de estudo que empregam estes métodos são ciências. Dessas afirmações podemos concluir que a utilização de métodos científicos não é da alçada da

ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos. (MARCONI e LAKATOS, 2007, p. 83).

Como método e técnica inicial de pesquisa, utilizamos a pesquisa bibliográfica, que consiste na identificação, localização e obtenção de informações bibliográficas sobre o assunto abordado e assim juntamente denominando seu Referencial Teórico (STUMPF, 2008). Para obter um bom início, o planejamento de pesquisa é inevitável para evitar possíveis perdas de tempo com assuntos que não serão úteis. É interessante analisar bibliografias especializadas, índices com resumo, portais, resumos de teses e dissertações, catálogos de bibliotecas e catálogos de editoriais que auxiliaram na formulação da pesquisa. Para que essas fontes bibliográficas ajudem mais ainda, é importante uma boa leitura com anotações e fichamentos.

A primeira vez que o aluno produz um trabalho acadêmico seguindo todas essas etapas talvez considere o trabalho árduo e desnecessário. Mas aos poucos, ao se familiarizar com o método e com as fontes, verá que o produto é satisfatório. Descobrir o que outros já escreveram sobre o assunto, juntar ideias, refletir, concordar, discordar e expor seus próprios conceitos pode se tornar uma atividade criativa e prazerosa. (STUMPF, 2008, p. 61)

Como fruto dessa pesquisa bibliográfica, este trabalho se configura em um relatório de quatro capítulos, que dá subsídio ao desenvolvimento de um produto, o vídeo institucional para o curso de Tecnologia em Produção Cênica.

No capítulo 2, é apresentado o histórico do vídeo, em que são indicados os principais conceitos a respeito do tema em estudo, com a finalidade de identificar as utilidades do vídeo, e este como meio de comunicação.

Já o terceiro capítulo aborda características dos aspectos da produção de um vídeo institucional, mostrando a sua importância, desde os direitos autorais até a edição.

No quarto capítulo é apresentado o método, os procedimentos de produção e o roteiro do vídeo institucional do curso de Tecnologia em Produção Cênica da Universidade Federal do Paraná.

2 O VÍDEO

Neste capítulo será apresentado um breve histórico do vídeo, o uso deste nas empresas como forma de comunicação, as utilidades e as variadas formas de vídeo. O presente trabalho não tem o objetivo de especificar o histórico do audiovisual, sendo assim apresentará apenas os pontos mais relevantes para se entender a trajetória.

2.1 A HISTÓRIA DE PRODUÇÃO DO VÍDEO NO BRASIL

O vídeo no Brasil surgiu entre os anos de 1970 e 1980, quando chegaram ao país os aparelhos de VHS¹. Conforme Machado (1988) a história da produção de vídeo no Brasil pode ser dividida em três gerações. No início, o vídeo era utilizado exclusivamente por artistas plásticos, que sempre buscavam inovações para expressarem suas ideias criativas. Após esse período inicial, o vídeo começou a atingir um público maior, composto, principalmente, por jovens recém formados, que tentavam transformar as imagens gravadas em fatos culturais. Esse grupo foi chamado de geração do vídeo independente. Por fim, a terceira e mais recente geração de produtores de vídeos, vivida nos anos 1990, em que toda a experiência das gerações anteriores foi utilizada para fazer vídeos mais autorais e menos militantes.

Nesse período, alguns cineastas importantes se destacaram com as suas obras, como Andrea Tonacci, Júlio Bressane e Arthur Omar que começam a trocar o cinema pelo vídeo. Outros realizadores também se destacaram, como Sandra Kogut, que passou a produzir fora do Brasil, para poder ter acesso a maiores recursos financeiros e tecnológicos, e Eder Santos que preferia utilizar apenas materiais do Brasil. O objetivo da união dos representantes desta geração era investigar de forma expressiva e específica, o vídeo, para assim, explorar recursos diferenciados (MACHADO, 1988).

¹Video Home System (Sistema de Vídeo Doméstico), Sistema de vídeo da JVC que era composto de fitas magnéticas de ½ polegada de largura.

2.2 O VÍDEO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO

O vídeo em si, mesmo variando entre suas categorias, é considerado um meio de comunicação por ter o potencial de transmitir ao público - alvo as informações necessárias, com clareza e objetividade. Conforme Zanetti (2010, p. 8) "um vídeo bem planejado e produzido encurta o tempo das apresentações, tem mais precisão, principalmente quando for necessário mostrar muitas informações de uma só vez".

Essa certeza que temos hoje, de que o vídeo é um meio de comunicação, nem sempre foi assim. No início, quando os primeiros vídeos começaram a circular, era considerado apenas um auxiliar para programas de TV e produções cinematográficas. Isso ocorreu devido ao conceito empregado ao vídeo que era utilizado, principalmente, por pessoas que não trabalhavam na área, para referir-se ao aparelho que reproduzia o teipe. Com base nesse conflito de conceitos no início, propagou-se a ideia de que o vídeo seria apenas um suporte e não chegaria a ser um meio de comunicação. Apenas o passar dos anos fez com que o conceito de vídeo mudasse de suporte e auxílio para um meio de comunicação.

Meio de comunicação, conforme Santoro (1989, p. 19), "que tem outras características próprias e algumas vantagens, se comparando a outros meios de comunicação". Para o autor, essas características são: facilidade operacional; baixo custo; público definido; independência na produção; imediaticidade; facilidade de copiagem; monitoragem direta; condições de exibição; custo de produção; armazenagem; recursos do equipamento; som e imagem simultâneas; multiplicidade de formatos; multiplicidade de sistema de cor.

Zanetti (2010, p. 10), traz outras características quando afirma que "o vídeo funciona como uma ferramenta de comunicação que por suas características técnicas pode ampliar detalhes por meio de movimentos de câmera, enquadramento, letreiros e efeitos especiais". Assim, as imagens proporcionam diferentes percepções de conhecimento, e através delas pode-se, "revelar particularidades de um produto ou de situações impossíveis de serem demonstradas ao vivo ou por meio da escrita" (ZANETTI, 2010, p. 10). Portanto, o uso desse material funciona como um meio de comunicação, pois é

a melhor maneira de se comunicar com grupos, plateias e pessoas que estejam à distância para passar informações ilustrativas.

De acordo com Zanetti (2010, p. 11), o vídeo "permite informar, educar, treinar, vender, detalhar e narrar, de forma elegante e nítida, com imagens perfeitas e, muitas vezes, em bem menos tempo do que da maneira convencional e presencial". Portanto, como o vídeo proporciona essa variedade de funções caberá saber qual modalidade será utilizada, dentro de um grande leque, para isso deve-se verificar quais características que o vídeo terá e assim conseguir enquadrar na modalidade correta.

2.3 O USO DO VÍDEO NAS CORPORAÇÕES

Pode-se também analisar o audiovisual como ferramenta de trabalho, ou seja, uma forma de comunicação empresarial. Que têm evoluído para propostas de trabalho integrado, com a finalidade de proporcionar conhecimento no contexto corporativo. E por sua vez, existem diferentes formatos de vídeos que são importantes e eficazes ferramentas da comunicação.

As imagens mudaram o conceito de relacionamento entre as pessoas e, além disso, deu início a uma nova forma de adquirir o conhecimento. "No contexto corporativo, por exemplo, o vídeo é um audiovisual que permite apresentar de forma objetiva, com imagem perfeita, várias situações, dar dimensão física e espacial, serviço ou projeto" (ZANETTI, 2010, p. 07). Funciona também como um cartão de visitas e apresenta uma cultura de trabalho, a missão, valores, ramo de atuação, reforça a imagem do negócio e também da empresa.

O vídeo institucional é produzido para manter o nome da empresa na memória do público - alvo, sem qualquer objetivo de venda e sim para o conhecimento dos serviços prestados, ou seja, o vídeo abrange assuntos próprios como, por exemplo, a missão e objetivos. Esse material será um investimento que a empresa irá fazer com melhor benefício. Portanto, um material produzido com qualidade, poderá aumentar o número de clientes e fornecedores.

Com o advento desse novo meio de comunicação, o vídeo é utilizado como uma ferramenta de trabalho. Por isso, quando as empresas precisam apresentar detalhes e particularidades seria a melhor maneira. Como diz Zanetti (2010, p. 07), “palavras e espaços em papel não dariam conta”. É uma forma simplificada de apresentar as ideias em pouco tempo, de forma transparente e clara.

2.4 OS TIPOS DE VÍDEOS

Existem muitas modalidades e nomenclaturas para se referir à produção audiovisual ligada às corporações. Para termos ideia da variedade de tipos de vídeo institucionais e/ou corporativos, faremos uma compilação das definições de modalidades de vídeo de Zanetti (2010, p. 21-25) e de Xavier e Zupardo (2004, p. 75-87).

2.4.1 Vídeo Institucional

Pode ter duração de 5 a 8 minutos, e tem como objetivo mostrar o conceito da empresa, como se fosse um cartão de visitas. Muitas vezes se apresenta a missão, filosofia de trabalho, ramos de atuação e valores da empresa para mostrar a organização da mesma e assim, reforçar a imagem e o conceito do negócio. Tudo isso pode ser demonstrado com um apresentador, atores, locutor em *off* ou com um show de imagens com músicas e letreiros.

2.4.2 Vídeo Empresa

Semelhante ao vídeo institucional, apresenta o histórico da empresa, seus produtos, serviços e outras informações relevantes sobre a organização. Funciona como um folder ou portfólio eletrônico. Também pode trazer informações sobre conquistas, premiações ou eventos específicos.

vária de 3 a 5 minutos com, normalmente, uma locução em *off* com um tom empolgante.

2.4.7 Promocional

Parte do princípio de divulgar uma promoção, contendo detalhes sobre seu funcionamento. Pode ter de 4 a 7 minutos e apresentado por atores, locutor em *off* ou até uma paródia composta especialmente para o vídeo.

2.4.8 Apresentação de "Case"

Tem seu foco em mostrar um case de grande sucesso do cliente, com duração baseada nas regras do evento.

2.4.9 Vídeo Manual ou Manual Eletrônico

Tem como objetivo explicar um determinado produto, suas funcionalidades e características.

2.4.10 Digital Signage

É utilizado em ambientes com grande circulação de pessoas, como shoppings e supermercados.

2.4.11 Teleaula

Vídeo com conteúdos acadêmicos, utilizado frequentemente para o Ensino a Distância e gravados com professores e especialistas da área proposta.

2.4.12 Catálogo eletrônico e propaganda de produto

Podemos acrescentar também a definição de **Catálogo Eletrônico**, de Zanetti (2010, p. 23) que se assemelha a definição do **Programa de Lançamento de Produto ou Serviço e Programa Sobre Produto** de Xavier e Zupardo (2004, p. 82 - 84). Estes formatos se resumem em um vídeo utilizado para apresentar novidades, objetivos e ser a grande propaganda do produto. Tem, em média, de 4 a 7 minutos e pode ser apresentado por um locutor em *off*.

Independente do tipo de vídeo é preciso sempre avaliar a forma como este será utilizado, pois cada formato tem um tempo de vida específico, como afirma ZANETTI (2010, p. 15) "o tempo de vida útil pode chegar a dois anos, depende muito do perfil da empresa e de sua necessidade de atualização". É importante fazer esta atualização constante do material, principalmente os de treinamento. E analisar onde será utilizado o vídeo, se será via internet como web sites ou até mesmo em salas de consultórios.

2.5 QUANDO E POR QUE UTILIZAR O VÍDEO

Um vídeo pode ser utilizado em várias situações, ou então como diz Zanetti (2010, p. 12), "em ações de vendas, feiras, eventos, exposições, congressos, palestras, treinamentos, aulas, ante-salas e trabalhos de endocomunicação², utilizando computador, telão ou televisão". O vídeo exemplifica e potencializa uma apresentação, complementando as informações com imagens em movimento. Pode ser utilizado em consultórios e salas de espera, desse modo, o vídeo pode demonstrar os serviços da organização com detalhes, informar, orientar e falar sobre os profissionais que atuam na instituição. Também poderá produzir um manual eletrônico, que explica o

² Endocomunicação funciona como uma comunicação interna. Pode-se fazer consultoria para organizações com diversas áreas de atuação, como também obter uma visão privilegiada do mercado. (ZANETTI, Eloi. Palestra 2º semana da Comunicação da Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<http://www.tci.ufpr.br/mod/resource/view.php?id=612>> Acesso em: 17/11/2011).

conteúdo do vídeo e poderá ser hospedado via *Web*, como diz Zanetti (2010, p. 14), via "*blogs, e-mail, intranet, sites, portais de telefonia e WEBTV* e outros recursos de *móbile marketing*". E para se colocar o vídeo em prática, existem três etapas de produção que consistem na operação para converter o roteiro escrito, em um produto final que será o vídeo específico.

3 PRODUÇÃO DE UM VÍDEO

A proposta deste capítulo é apresentar todas as etapas para produzir um vídeo, como as etapas de produção, público-alvo, roteiro, enquadramento, iluminação, áudio, direito autoral e edição.

O processo de produção consiste na operação de equipamentos físicos e digitais combinados para converter o roteiro escrito em um programa completo e pronto para ser distribuído.

3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

A Pré-Produção inicia-se a partir de uma reunião com o cliente, onde são levantados os principais dados para o *briefing*. Portanto, após essa fase inicial da montagem do *briefing*, será feita uma visita que, além de conhecer o espaço, deve-se tirar várias fotografias do local, para assim ter material para estudar como serão as cenas. E para que isso seja possível, um *briefing* bem produzido, com todas as informações necessárias sobre a empresa ou cliente será indispensável.

3.1.1 *Briefing*

O *briefing* é o planejamento de comunicação que serve como uma orientação para o desenvolvimento do produto. No primeiro contato, o cliente dá todas as informações sobre o que pretende com o vídeo, Zanetti (2010, p. 27) define o processo:

É anotado os detalhes, as necessidades, os objetivos e finalidades do material e o que o cliente espera alcançar com ele. É importante que, ao passar um *briefing*, já se tenha ideia do que se espera do material, do público-alvo e da mensagem. A maior quantidade possível de informações úteis deve ser colocada de forma clara e objetiva, quando o roteirista poderá desenvolver uma sinopse e a produtora poderá montar o orçamento.

Para o início de produção de um *briefing*, é necessário saber de alguns

fatores principais. Entre eles, a missão da empresa, histórico, serviços e produtos. Como também, os problemas que o vídeo terá que resolver e o objetivo específico. Portanto, logo após a fase inicial, é preciso ter uma visão sobre a estratégia criativa a ser criada. Através da definição do público-alvo, concorrência direta e indireta, o diferencial, posicionamento e referências como vídeos de outras empresas. E para terminar, é preciso citar obrigatoriedades e limitações do vídeo. (BRIEFING, 2011).

E através do *briefing* já é possível dar início ao roteiro, que constará de todas as informações necessárias para a fase de produção.

3.1.2 Roteiro

O roteiro é nada mais que a forma escrita do vídeo ou qualquer outro audiovisual, sendo assim, considerado como obra prima de um projeto. Nesta etapa, é feito um roteiro base, que poderá ser modificado quantas vezes for necessário.

Um modelo simples e fácil de fazer o roteiro é no formato tabela, e não é necessário nenhum programa específico, pois pode ser feito no editor de texto Microsoft Word, conforme exemplo abaixo (QUADRO 1):

VÍDEO	ÁUDIO
Na coluna do vídeo, escreve-se como serão feitas as gravações, como movimentos e enquadramentos. Também é descrito se aparecerão gráficos, letreiros e efeitos especiais.	Na coluna do áudio, descreve-se as falas do locutor em <i>off</i> ou apresentador. Também acrescenta-se músicas, efeitos sonoros, fala de atores ou locutores.

QUADRO 1 – Exemplo de Roteiro
Fonte: os Autores (2011)

Como Xavier e Zupardo (2004, p. 32) alertam: “As duas colunas do roteiro devem compor um casamento perfeito”.

No roteiro deve ser escrito com uma linguagem simples e sempre lembrar que o que está no roteiro deverá ser falado de forma natural e não lido mecanicamente. Concomitante ao texto vem a parte visual que, conforme Xavier e Zupardo (2004, p. 33) "é preciso pensar na imagem a ser criada para apoiar o argumento".

Na hora de escrever o roteiro deve-se lembrar do alerta de Musburger (2008, p. 148): "uma apresentação de mídia deve ser interessante, criativa e deve prender a atenção do público" e de Xavier e Zupardo (2004, p. 37):

O que importa em um roteiro empresarial é criar um envolvimento com o espectador, de maneira que, durante a apresentação do programa, a sua atenção fique realmente voltada para as informações que estão sendo transmitidas.

Na fase de criação do roteiro certos cuidados são importantes, pois dentre várias coisas que serão determinadas há também a escolha dos locais das gravações, que poderão necessitar autorizações, como o direito de uso de imagem com ou sem fins lucrativos.

3.1.3 Direito Autoral e Autorização de Imagem

Não se pode deixar de analisar os direitos autorais propriamente ditos, quando se fala em uso de imagem, utilização de obras de terceiros em obras próprias, até o uso de obras que se encontram em domínio público. Como também as duas ordens de direitos: os direitos patrimoniais ligados à exploração econômica da obra e os direitos morais ligados à paternidade e integridade das obras.

No Brasil, os direitos autorais são regidos pela lei nº 9.610/98. E a legislação menciona os direitos autorais como duas vertentes, ou seja, os direitos morais e os patrimoniais. Esses dois "feixes" de direitos nascem no momento em que a obra é criada.

Lemos, Maciel e Souza (2010, p. 83), dizem que os direitos morais previstos na Lei dos direitos autorais (LDA) em seu art. 24 são considerados direitos de personalidade e têm como um de seus principais objetivos associarem a obra ao autor, como os direitos de paternidade, manter a

integridade da obra e mantê-la inédita. Nesse sentido, os direitos morais são perpétuos, como são os direitos de personalidade. Já os direitos patrimoniais são aqueles que permitem ao autor fazer uso econômico de sua obra e estão previstos no art. 29 da LDA, que competirá ao autor autorizar qualquer uso de sua obra, tais como a reprodução parcial ou integral, a adaptação e a tradução.

Para Musburger (2008, p. 67) "Qualquer material escrito a ser divulgado, seja por meio impresso, eletrônico ou digital na internet, precisa-se obter o direito autoral". Sendo assim, a LDA indica em seu art. 7º quais as obras protegidas, como referência os textos, fotografias, músicas, *softwares* e obras audiovisuais. No entanto, para obter uma autorização, é necessário estar dentro do prazo previsto em lei. Com isso, no art. 41 como diz Lemos, Maciel e Souza (2010, p. 85) "O prazo de proteção das obras é de 70 anos, contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao da morte do autor". Ou seja, a partir do início do ano seguinte da morte do autor contam-se 70 anos, e somente após esse período a obra estará em domínio público. Passado os 70 anos, qualquer pessoa poderá usar a obra, mesmo com fins lucrativos.

Há, no entanto, uso de pequenos trechos de obras de terceiros que pode ser utilizado sem autorização, porém indicando uma citação na futura obra, ou seja, a LDA pretende, com as limitações e exceções, possibilitar o uso de obras de terceiros sem que haja necessidade da autorização prévia e expressa. No entanto, para Lemos, Maciel e Souza (2010, p. 86) "as limitações e exceções são insuficientes para garantir acesso ao conhecimento e difusão da cultura".

E no art. 46 da LDA, diz a respeito desse uso de obras de terceiros em obras próprias:

III - A citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra;

VIII – A reprodução, em quaisquer obras, de pequenos trechos de obras preexistentes, de qualquer natureza, ou de obra integral, quando de artes plásticas, sempre que a reprodução em si não seja o objetivo principal da obra nova e que não prejudique a exploração normal da obra reproduzida nem cause um prejuízo injustificado aos legítimos interesses dos autores. LEMOS, MACIEL E SOUZA (2010, p. 86).

que precisam de imagens. Porém, é criticado por alguns profissionais, que consideram as imagens prontas sem criatividade e sem personalidade.

Com o advento da utilização de músicas em obras como o vídeo, tendo a finalidade para fins lucrativos, é necessário um licenciamento para o uso da música escolhida. Kellinson (2006, p. 115) define o processo, "É necessário obter autorizações ou permissões que lhe dêem o direito de usar qualquer composição ou gravação musical preexistente cujo direito autoral é de outra pessoa". E caso o produtor não queira utilizar músicas já existentes, pode-se contratar um compositor musical, que irá escrever e gravar uma música original e, assim, produzir uma obra específica para o vídeo, com isso, tornar um material diferenciado e obter uma nova obra para usufruir de fins lucrativos.

Assim, baseado em pequenos trechos de vídeos em uma futura obra, pode-se considerar que, a medida justificada na citação depende das intenções do autor. Para Lemos, Maciel e Souza (2010, p. 91):

À parte de tais considerações, parece-nos evidente que o uso de menos de dois minutos de material alheio em um filme de longa-metragem é o equivalente à cópia de pequenos trechos. Ainda que o longa-metragem tenha cerca de 60 minutos, o uso de dois minutos de material preexistente significa que o autor do Filme Novo está se valendo de 1/30 do material global de seu filme para citar obras de terceiros.

Portanto, não sendo a obra alheia citada na íntegra, não há qualquer argumento para se contestar a legitimidade do direito de citação. E, assim, como exige a lei, o autor da futura obra deixará como citação o autor e a obra em que se utilizou. Diante dos termos da lei, conforme na redação do art. 46, VIII, o uso dos trechos de vídeos como, por exemplo, os filmes antigos no filme novo é absolutamente legítimo, pois cumpre todos os requisitos legalmente impostos.

De toda forma, ao longo do presente estudo o objetivo perseguido foi o de caracterizar os principais aspectos de direito de uso de imagem, diferenciar a sistemática para fins lucrativos e não lucrativos e, mais especificamente, o direito autoral. Para, assim, dar início a fase de produção, certificando que todos os aspectos propostos no roteiro estejam dentro dos padrões previstos em lei.

3.2 PRODUÇÃO

Na Produção é feita toda a captura das imagens e das narrações, sempre seguindo o roteiro feito anteriormente, pois assim as imagens ficarão organizadas e nada será esquecido.

Para as gravações, conta-se com a presença de alguns profissionais, entre eles: diretor, para supervisionar e dirigir, conforme o roteiro, todas as cenas a serem gravadas; *cameraman*, para fazer as filmagens; assistente de produção, para auxiliar em toda a preparação do local e nas gravações.

3.2.1 Enquadramento e Posicionamento de câmera

Os movimentos de câmera são detalhes que fazem toda a diferença para a produção de imagens de qualidade, cada ação é pensada para se obter a melhor imagem posteriormente. A filmagem é feita com foco na informação que o vídeo institucional quer transmitir, observando cada detalhe como, por exemplo: ângulo, enquadramento e posicionamento.

As lentes de uma câmera permitem vários tipos de enquadramentos. Adotamos a divisão proposta por Xavier e Zupardo (2004, p. 58-72) uma vez que não há unanimidade entre os autores da área quanto à forma como nominar e dividir os enquadramentos.

3.2.1.1 Grande Plano Geral (GPG)

É uma imagem com uma grande amplitude como, por exemplo, mostrar de cima uma cidade. Esse enquadramento assemelha-se a um plano cósmico, enfatizando a imensidão de uma paisagem (FIGURA 1).



FIGURA 1 – GRANDE PLANO GERAL
 FONTE: XAVIER E ZUPARDO (2004, p. 59)

3.2.1.2 Plano Geral (PG)

Esse plano demonstra a imagem fixa, uma tomada geral, por exemplo: a fachada de uma fábrica e o início de uma partida de futebol. Se tomarmos como parâmetro a imagem da cidade do exemplo anterior, nesse caso, toma-se apenas uma porção da cidade, diminuindo-se a amplitude do plano (FIGURA 2).

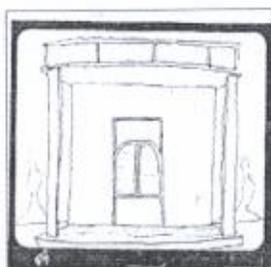


FIGURA 2 – PLANO GERAL
 FONTE: XAVIER E ZUPARDO (2004, p. 59).

3.2.1.3 Plano de Conjunto (PC)

Com esse plano, que também é uma versão do plano geral, a câmera define melhor todo o cenário com seus elementos, por exemplo, um moço tomando uma limonada próximo a um balcão. Costuma-se tomar como referência, nesse tipo de enquadramento, as pessoas de corpo inteiro, interagindo com o ambiente (FIGURA 3).



FIGURA 3 – PLANO DE CONJUNTO
FONTE: XAVIER E ZUPARDO (2004, p. 60).

3.2.1.4 Plano Americano (PA)

No Plano Americano, as pessoas são “cortadas” abaixo dos joelhos ou nas coxas. A imagem mostrando o ator do joelho para cima, utilizada normalmente em filmes de bague-bague é um exemplo clássico desse plano (FIGURA 4).



FIGURA 4 – PLANO AMERICANO
FONTE: XAVIER E ZUPARDO (2004, p. 61)

3.2.1.5 Plano Médio (PM)

Enquadra o ator da cintura para cima. Utilizado para mostrar o diálogo entre duas pessoas (FIGURA 5).



FIGURA 5 – PLANO MÉDIO
FONTE: XAVIER E ZUPARDO (2004, p. 61).

3.2.1.6 Primeiro Plano (PP)

Enquadra o ator do peito para cima, levando em conta a expressão do ator (FIGURA 6).



FIGURA 6 – PRIMEIRO PLANO
FONTE: XAVIER E ZUPARDO (2004, p. 61).

3.2.1.7 Close-Up

Esse plano mostra o rosto de uma pessoa em tela cheia, transmitindo a emoção de um ator (FIGURA 7).



FIGURA 7 – CLOSE-UP
FONTE: XAVIER E ZUPARDO (2004, p. 62).

3.2.1.8 Detalhe

Utilizado para enfatizar uma imagem, com um plano bem fechado, ressaltando, por exemplo, um bicho na goiaba (FIGURA 8).



FIGURA 8 – DETALHE
FONTE: XAVIER E ZUPARDO (2004, p. 62)

3.2.1.9 Plano e Contraplano

Mostra uma imagem de dois atores, um conversando de frente para o outro (FIGURA 9).



FIGURA 9 – PLANO E CONTRAPLANO
FONTE: XAVIER E ZUPARDO (2004, p. 62).

3.2.1.10 Zoom-in e Zoom-out

É um recurso de aproximação e afastamento da imagem, com a movimentação da lente para trazer a imagem para um para um plano mais próximo (FIGURA 10).



FIGURA 10 – ZOOM-IN e ZOOM-OUT
 FONTE: XAVIER E ZUPARDO (2004, p. 64).

3.2.2 Movimentos de Câmera e Ângulos

Podemos posicionar uma câmera em vários ângulos em relação ao objeto ou ator focalizado. Pode ser utilizada fixamente ou em movimento, e serve para enfatizar a cena a ser gravada. Conforme Xavier e Zupardo (2004, p. 59-72) os principais posicionamentos são:

3.2.2.1 Panorâmica (*Pan*)

O movimento da câmera sobre o seu eixo, sendo horizontal ou vertical.

3.2.2.1.1 Pan Horizontal

Utilizando o tripé, a câmera faz movimento horizontal, sobre seu eixo, fazendo um semicírculo de até 180 graus. É utilizado para mostrar uma pessoa andando ou até para mostrar um ambiente.

3.2.2.1.2 Pan Vertical (ou *Tilt*)

É o movimento de câmera feito de baixo para cima ou usado inversamente. Serve como uma demonstração do movimento de um elevador, o lançamento ou a queda de uma bola e acompanhar um guindaste.

3.2.2.2 Chicote

É um movimento rápido feito pela câmera, parecendo um “*pan*” em alta velocidade, que serve para mostrar um acontecimento inesperado. Por exemplo: o cinegrafista está filmando o corte de uma árvore, e de repente, ele escuta um barulho de estouro e focaliza outra árvore caindo próximo àquela que estava filmando. Esse movimento pode ser usado no Roteiro para a passagem de uma mudança de assunto.

3.2.2.3 Travelling

É um posicionamento de câmera fixa sobre uma superfície que se movimenta, neste caso a câmera e o cinegrafista encontram-se sobre trilhos para evitar trepidações no decorrer da filmagem.

3.2.2.3.1 Travelling de Acompanhamento

Esse movimento é utilizado para filmar pessoas, veículos ou objetos em movimento. Como em uma filmagem de um carro sobre a rua, a paisagem de fundo se altera, fixando apenas a imagem do carro que está parado.

3.2.2.3.2 Travelling de Aproximação e Afastamento

Esse movimento de câmera é diferenciado do *zoom-in* ou *zoom-out*, que são recursos de lentes. Porém nesse posicionamento a própria câmera se aproxima ou se afasta do objeto.

3.2.2.4 Grua

É um equipamento com alto custo de locação, por isso dificilmente é utilizado em vídeos institucionais. A grua faz reproduzir quase todos os movimentos de um braço humano, fazendo movimentos para cima, para baixo, para os lados e também circulares. Por exemplo: em um jogo de futebol, atrás do gol é utilizada uma grua para realizar a filmagem da cobrança de uma falta, um escanteio, um lançamento, acompanhando toda a trajetória da bola.

3.2.2.5 Câmera Subjetiva

Nesse movimento a câmera representa o ponto de vista do ator, porém sem a sua imagem. A pessoa que está assistindo percebe que o ator está presente. Mostra, por exemplo, alguém subindo uma escada onde só se vê o topo e os degraus sendo galgados.

3.2.2.6 Câmera Alta

Nesse ângulo a câmera fica posicionada acima da cabeça do ator, assim, diminuindo a sua imagem e demonstrando uma situação de inferioridade e timidez em relação ao interlocutor ou cenário. Por exemplo, demonstrar a discussão de um pai com o filho, transmitindo a ideia de inferioridade do menino.

3.2.2.7 Câmera Baixa

Esse ângulo o ator torna-se superior na imagem, podendo ser utilizado na valorização de um produto, por exemplo: automóveis, refrigerador, uma garrafa de bebida.

3.2.2.8 Câmera de Pico (*Plongée* = mergulho)

Nesse caso, a imagem é focalizada diretamente na cabeça do ator, alguns metros acima dele. Mostra, por exemplo, uma escola de samba as dançarinas rodando, valorizando o decorrer da dança.

3.2.2.9 Contra pico (*Contra plongée*)

É uma imagem do inverso do *Plongée*, que pode ser mostrada a sola de um sapato para pisar no chão, um mergulhador até chegar ao casco do barco, um helicóptero pousando.

3.2.2.10 Diagonal

Essa angulação é feita na diagonal, normalmente usada em shows de rock, por conseguir captar movimentos rápidos e com uma angulação diferenciada.

3.2.2.11 *Chroma-Key*

É um recurso técnico utilizado em alguns vídeos institucionais e programas. O apresentador encontra-se em um estúdio vazio com um fundo pintado de azul, essa cor permite recortar a imagem do apresentador e inseri-la em um cenário virtual que será produzido em computador.

3.2.3 Iluminação

Em uma produção de vídeo, a iluminação é uma ferramenta essencial. O uso da luz cria o tom, a dimensão e a textura do programa. Kellinson (2006, p. 198) acredita que a iluminação "pode transmitir uma trama, enfatizar elementos-chave, como cor do cenário ou tom da pele, sinalizar as diferenças entre comédia e drama, realidade e fantasia".

Existem duas ferramentas de iluminação, entre elas a artificial ou natural. Para Kellinson (2006, p. 198) “a intensidade e a claridade da lâmpada, ou sua difusão, se combinam com a disposição no estúdio para criar um ambiente de gravação”. Como, por exemplo:

3.2.3.1 Iluminação dura

Apresenta sombras nítidas e bem definidas. É apontada diretamente para o elemento da cena, com uma fonte de iluminação única e clara. Como a iluminação do sol, a lâmpada incandescente, refletores *elipsoidais* e *quartzo*.

3.2.3.2 Iluminação suave

É uma iluminação difusa, criada com menos lâmpadas de menos intensidade que reflitam ou rebatem a luz do refletor, do teto ou de outra parte do set. Apresenta sombras difusas e menos imagens de fundo. Os efeitos da iluminação suave são realçados com filtros profissionais.

3.2.3.3 A iluminação da produção

Para a produção é necessário três tipos principais de iluminação.

3.2.3.3.1 Luz-chave ou *key light*

É uma luz forte e clara que ilumina um objeto ou uma pessoa essencial na cena, criando uma sombra bem definida.

3.2.3.3.2 Luz de preenchimento, luz secundária ou *fill light*.

É considerada uma luz mais suave, colocada em ângulo para “preencher” qualquer sombra indesejável criada pela *key light*.

3.2.3.3.3 Contraluz ou *back light*.

É a luz que se posiciona atrás e acima do principal elemento, trazendo-o para frente por contraposição com o fundo.

3.2.3.4 Iluminação interna e externa

Todas as luzes têm uma temperatura de cor que influencia no que a câmera irá gravar.

3.2.3.4.1 Luz do dia (externa)

Para fazer uma filmagem com iluminação externa, é preciso obter uma intensidade e qualidade da luz do sol, no horário de meio-dia ou uma luz mais pálida depois do pôr-do-sol. Assim, as filmagens podem ter produção com um efeito diferenciado nesses horários, contudo as gravações em locais externos podem ser complicadas e desafiadoras. A luz do sol pode produzir um tom de azul no vídeo.

3.2.3.4.2 Luz artificial (interna)

A iluminação interna é considerada mais prática, pela facilidade de conseguir chegar ao tom necessário, também com a tecnologia das câmeras de vídeo e através dos formatos de enquadramento que auxiliam a este processo para chegar ao tom adequado, como, por exemplo, o tom de amarelo e avermelhado.

3.2.3.5 Detalhes a se considerar

Para Kellinson (2006, p. 200), ao gravar um vídeo, alguns detalhes devem ser observados. Entre eles:

Listras: uma camiseta listrada, por exemplo, pode criar um efeito de ondas no vídeo.

Vermelho: certos tons de brilhantes de vermelho podem "sangrar" e vazarem em outros objetos próximos.

Branco: usar muito branco em uma cena pode sobrecarregá-la e estourá-la.

Azul e verde: Alguns tons dessas cores podem se misturar e se tornar invisíveis. Telas azuis e verdes são usadas como fundos para efeitos especiais.

3.2.4 Áudio

No vídeo, o áudio é utilizado para completar a informação a ser transmitida. Podendo ser uma música, para enfatizar o que está sendo transmitido, ou uma narração, assim explicando ou contextualizando as imagens.

Conforme citado anteriormente, o áudio também tem o seu roteiro, ou sua parte nele. Para isso existem dois métodos, o primeiro é de fazer o roteiro do áudio juntamente com o roteiro do vídeo. O segundo é montar o vídeo e após assistir as imagens, fazer o áudio.

Para fazer a gravação, conforme Musburger (2008, p. 201), existem quatro elementos principais: microfone, acústica da locação, formato de gravação de áudio e perspectiva do som.

O microfone tem seis modelos diferentes, que são:

Microfone direcional, utilizado para gravar diálogos, pois captura de forma clara a fonte de som, assim captando muito pouco os ruídos e outros sons de fundo.

Microfone tipo "*shotgun*", caracterizado por ficar em um mastro, que se estende por até cinco metros, captura de forma seletiva, primeiramente, o som que está na frente do microfone.

Microfone de lapela, caracterizado por ficar posicionado na roupa e próximo da boca do orador, ele captura apenas o som do mesmo, isolando os outros sons.

Microfone omnidirecional, caracterizado por sua sensibilidade, ele captura o som que está próximo e todos os outros sons.

Microfone de mão, utilizado para entrevistas, pois necessita apenas do som de quem está falando próximo a ele.

Microfone no cenário, caracterizado por poder ser ocultado no cenário ou em paredes.

Além do uso do microfone, a acústica da locução interfere muito na gravação do áudio. Assim, durante as filmagens temos também que preparar o ambiente onde será gravado o áudio, pois alguns objetos podem alterar a voz, como, por exemplo, o espelho, que pode criar ecos e distorcer a voz.

Para facilitar a gravação do áudio, deve-se ter a perspectiva do próprio áudio, assim como nas filmagens, pois existem alguns obstáculos na gravação do áudio, tais como barulhos de construções, motores, ventos e até mesmo de adereços que o orador poderá estar usando, mas tudo isso pode ser evitado, conforme Musburger (2008 p. 206) "com planejamento, uso adequado de microfones e abafadores de som, como cobertores ou dispositivo de proteção contra vento".

Depois de obter todos os materiais, desde imagem até o áudio, dá-se um passo para a pós-produção, que envolve a edição propriamente dita, e a apresentação do produto finalizado, ou seja, a apresentação do vídeo para o cliente.

3.3 PÓS-PRODUÇÃO

Esta fase final envolve basicamente a etapa de edição, onde é feita uma junção de todo o material, imagens e áudios, em um único vídeo.

Portanto, já com todas as imagens necessárias gravadas, e os sons capturados, o material já pode se encaixar na ilha de edição. E cabe ao produtor fazer um levantamento das filmagens, e, assim, juntamente com a equipe de pós-produção, visualizar todas as cenas, após registrarem o tempo de duração das imagens, fornecerão ao editor um "rascunho", chamado decupagem, que servirá como roteiro para o editor.

4.7 ESTRUTURA E FORMATO

O vídeo terá a duração de aproximadamente 5 minutos, e tem como objetivo mostrar o foco do curso de Tecnologia em Produção Cênica. Também, será feitas entrevistas com professores e alunos, com o intuito dessas entrevistas serem editadas como locução em *off*. Serão narrados todos os pontos sobre o curso, desde como ingressar na universidade, as disciplinas estudadas, mercado de trabalho e até as áreas de estágios.

4.8 PROJETO VIDEOGRÁFICO

4.8.1 Trilhas

Usaremos a música instrumental: *El Choclo Tango – Maniel Sarrablo*, que se encontra em domínio público, disponível no site: www.dominiopublico.com.br

4.9 RECURSOS HUMANOS

Direção: Daiane Jamielniak, Fábio Henrique Decker e Leticia Helen Decker.

Produção: Daiane Jamielniak, Fábio Henrique Decker e Leticia Helen Decker.

Roteiro: Daiane Jamielniak, Fábio Henrique Decker e Leticia Helen Decker.

Câmera: Fábio Henrique Decker.

Edição: Daiane Jamielniak, Fábio Henrique Decker e Leticia Helen Decker.

Locução *off*: Fábio Henrique Decker.

4.10 RECURSOS TÉCNICOS

Para a captação das imagens, foi utilizada uma câmera digital convencional: *Samsung PL50 – 10.2 mega pixels* e para a captação de áudio o celular LG-C310 versão s/w. E para auxiliar na captação de imagem foi utilizado um tripé *Model VD-23*. Foram utilizados equipamentos não profissionais, pois o setor, onde são lecionadas as aulas de Tecnologia em Comunicação Institucional, não possui equipamentos para a captação de imagens e áudio.

Para a edição das imagens, foi usado o programa *Premiere CS3*, *software* que foi indicado na disciplina de Vídeo Institucional lecionada no 5º período, e foi instalado em um *Netbook – Acer D255-D255e – 13415 Atom N455/ 2gb/ 320/ 10.1*. No setor não há laboratórios de edição, por isso escolhemos um computador portátil, para facilitar, uma vez que todos os integrantes do grupo participaram desse processo.

4.11 ROTEIRO

Para o roteiro foram estabelecidos critérios de filmagem para a produção do vídeo institucional do curso de Tecnologia em Produção Cênica, presentes no seguinte (Quadro 2).

Vídeo Institucional – Curso de Tecnologia em Produção Cênica

INFORMAÇÕES TÉCNICAS

TÍTULO: “O curso de Produção Cênica”

DURAÇÃO: 3 a 5 minutos aproximadamente.

PÚBLICO-ALVO: O vídeo é direcionado aos futuros alunos do curso.

FORMATO: Vídeo em WMV (formato para Internet)

Roteiro: Daiane Jamielniak, Fábio Henrique Decker e Letícia Helen Decker.

Direção: Daiane Jamielniak, Fábio Henrique Decker e Letícia Helen Decker.

Produção: Daiane Jamielniak, Fábio Henrique Decker e Letícia Helen Decker.

VÍDEO	ÁUDIO
	<p style="text-align: center;">SOBE MÚSICA <i>El Choclo Tango - Instrumental</i></p>
<p>Pessoas entrando no Teatro – acelerado – 5” Plano Geral - Plongée Corte Seco</p>	<p>Locutor 1 “SONOPLASTIA”?</p>
<p>Sonoplastia – 1” Plano Geral Corte Seco</p>	<p>Locutor 2 “ok”</p>
<p>Pessoas entrando no Teatro – acelerado – 3” Plano Geral - Plongée</p>	<p>Locutor 1 “ILUMINAÇÃO”?</p>
<p>Iluminação palco – 2” Plano Geral</p>	<p>Locutor 3 “ok”</p>
<p>Iluminação equipamentos – 2” Plano Geral</p>	
<p>Pessoas entrando no Teatro – acelerado – 4” Plano Geral - Plongée</p>	<p>Locutor 1 “CENOGRAFIA”?</p>
<p>Cenografia 1 – 2” Plano Geral</p>	<p>Locutor 4 “ok”</p>
<p>Pessoas entrando no Teatro – acelerado – 3” Plano Geral - Plongée</p>	<p>Locutor 1 “MAQUIAGEM 1”?</p>
<p>Maquiagem 1 – 2” Plano Médio</p>	<p>Locutor 4 “ok”</p>
<p>Pessoas entrando no Teatro – acelerado – 3” Plano Geral - Plongée</p>	<p>Locutor 1 “MAQUIAGEM 2”?</p>
<p>Maquiagem 2 – 2”</p>	

<p>Plano Médio</p> <p>Pessoas entrando no Teatro – acelerado – 3” Plano Geral - Plongée</p> <p>Fachada da UFPR (Prédio Histórico) – 5” Animação: TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA</p> <p>Professora Vanessa – 16” Primeiro Plano</p> <p>GC: VANESSA CURTY – Vice Coordenadora</p> <p>Turma durante aula da professora Palmira – 3” Plano Geral– diagonal da sala</p> <p>Turma durante aula da professora Palmira - 3” Plano Geral – fundo da sala</p> <p>Turma durante aula do professor Ary – 4” Plano Geral - fundo da sala</p> <p>Entrevista com o professor Allan – 4” Plano Médio GC: ALLAN VALENZA - Professor Plano Médio</p> <p>Turma durante aula do professor Alaor – 4” Plano Americano – Professor mais dois alunos conversando</p>	<p>Locutor 5 “ok”</p> <p>SOBE MÚSICA <i>El Choclo Tango - Instrumental</i></p> <p>Entrevista com a professora Vanessa-</p> <p>O Curso de tecnologia em Produção Cênica foi fundado em 2008, e em 2009 agente teve o ingresso da primeira turma né. O curso tem a finalidade de formar produtores cênicos e atender uma demanda de Curitiba e região metropolitana por esses profissionais.</p> <p>i há uma carência por profissionais da área de produção mesmo.</p> <p>Que trabalha tanto com elaboração, gestão, elaboração de projetos né, na área cênica e captação de recursos.</p> <p>Bom...o curso de produção cênica é um curso que tem como duração 3 anos.</p> <p>O aluno ingressa uma vez por ano via vestibular da Universidade Federal. Apesar do curso ser anual, as</p>
--	--

<p>GC: 45 vagas.</p> <p>Turma durante aula do professor Alaor – 2” Plano Americano – Aluna sozinha lendo o texto</p> <p>Turma durante aula do professor Ary – 2” Plano Americano – Professor explicando a matéria</p> <p>Turma durante aula da professora Soraya – 5” Plano Americano da Soraya – Professora fazendo anotações</p> <p>Turma durante aula do professor Allaor – 5” Plano Geral – Professor com os alunos</p> <p>Turma durante reunião do TCC Plano geral – 4”</p> <p>Alunos passando texto – 4” Plano Geral</p> <p>Turma durante aula do professor Allaor – 5” Plano Geral – Alunos ensaiando</p> <p>Turma durante reunião do TCC – 2” Plano Geral</p> <p>Aluna passando texto – 3” Plano Médio</p> <p>Aluno passando texto – 3” Plano Médio</p> <p>Turma durante aula do professor Ary – 2” Plano Geral – fundo da sala</p> <p>Aluna mexendo no equipamento de luz – 1” Plano Detalhe</p>	<p>disciplinas são semestrais ao longo dos quais o aluno vai experimentar várias linguagens cênicas, divididas em quatro grandes grupos, a primeira delas uma área teórica, na qual nós temos disciplinas de história do teatro, disciplinas da história da arte, disciplinas de literatura dramática, é disciplinas de teoria de encenação, uma segunda grande área a parte prática do curso, na qual está englobado a parte mais de experiência de palco que os alunos vão experimentar aqui durante o curso. A terceira grande área que é a área de tecnologia do curso na qual nós temos, por exemplo, disciplinas de iluminação, disciplinas de maquiagem, tomar contato com técnicas de maquiagem, questões que devem ser trabalhadas para o palco. A quarta grande área do curso que é a parte de produção, disciplinas a qual os alunos vão tomar contato com exatamente com essa parte de montagem de projetos, elaboração de projetos, de (...)</p>
---	---

<p>Luz baixando – Teatro TEUNI - 1” Plano Geral</p> <p>Luz subindo em circulo – Teatro TEUNI – 1” Plano Geral</p> <p>Turma durante aula da professora Soraya – 2” Plano Médio – Aluna fazendo maquiagem</p> <p>Turma durante aula da professora Soraya – 2” Primeiro Plano – Aluna fazendo maquiagem</p> <p>Turma durante aula da professora Soraya – 2” Close-up – Aluna com maquiagem pronta</p>	
--	--

<p>Teatro TEUNI – 1” Plano Geral</p> <p>Turma durante aula da professora Palmira – 4” Plano Geral</p> <p>Aluna estudando – 6” Plongée (câmera de Pico)</p> <p>Turma durante aula do professor Ary – 5” Plano Geral</p> <p>Entrevista com o professor Allan – 5” Plano Médio</p> <p>Animação: EXEMPLO DE DISCIPLINA? – 6”</p>	<p>(...) como captar recursos, de como montar, de como montar uma peça de como escolher elenco e por ai vai....</p> <p>SOBE MÚSICA <i>El Choclo Tango - Instrumental</i></p>
--	--

<p>Professora Soraya Primeiro Plano GC: SORAYA SUGAYAMA - Professora</p> <p>Turma durante aula da professora Soraya – 1” Plano Médio – Aluna fazendo maquiagem</p> <p>Turma durante aula da professora Soraya – 1” Plano Americano– Aluno pintando a perna de outro aluno.</p> <p>Turma durante aula da professora Soraya – 2” Plano Médio – Aluno pintando perna de outro aluno.</p> <p>Turma durante aula da professora Soraya – 2” Plano Detalhe – Alunos montando a ideia na parede</p> <p>Turma durante aula da professora Soraya – 2” Plano Médio – Alunos montado uma ideia</p>	<p>Nas disciplinas de maquiagem, agente estuda a história da maquiagem, e depois agente já passa(...)</p> <p>(...) pras aulas práticas de caracterização, no segundo semestre agente trabalha com descaracterização, então agente é esquece um pouquinho dos materiais de indústria de (...)</p>
<p>Professora Soraya Primeiro Plano GC: SORAYA SUGAYAMA - Professora</p> <p>Animação: POR QUE PRODUÇÃO CÊNICA? – 4”</p> <p>Entrevista Thaysa – 17” Plano Médio GC: THAYSA P. LISBÔA - Aluna (Legenda com: Backstage = bastidores)</p>	<p>(...) cosméticos, assim geral, e agente trabalha com materiais alternativos.</p> <p>SOBE MÚSICA <i>El Choclo Tango - Instrumental</i></p> <p>(...) a minha escolha pra fazer produção cênica, foi porque eu queria um curso que estivesse vinculado a área das artes cênicas, mas que abrangesse também a parte de produção, que agente fala que é o, a parte do “backstage”, então, eu escolhi</p>

<p>Entrevista Luciano – 12” Plano Médio GC: LUCIANO MIGUEL – Aluno</p>	<p>a produção cênica por causa disso,(...).</p> <p>(...)quando eu vi a ementa do curso de Produção Cênica, antes de fazer o vestibular, eu pensei o porque não fazelo né, acho que me parece uma proposta bem interessante um perfil bem plural. (...).</p>
<p>Entrevista Glaciane – 9” Primeiro Plano GC: GLACIANE H. DOS SANTOS - Aluna</p> <p>Animação: E O PERFIL? – 5”</p> <p>Animação: E o Perfil? 5”</p>	<p>(...)eu gostava muito também da parte dos bastidores né, de poder ver como que a coisa acontece atrás né, das cortinas, (...)</p> <p style="text-align: center;">SOBE MÚSICA <i>El Choclo Tango - Instrumental</i></p>
<p>Entrevista Ivi – 11” Plano Médio GC: IVI LOUISE M. DE OLIVEIRA - Aluna</p>	<p>Acho que o curso, assim é ele, tem um perfil bem, pras pessoas que gostam da área de cultura e queee tem iniciativa, tem que ser gente que gosta de tá envolvido com atividades manuais e que tem facilidade para falar com pessoas e tudo.</p>
<p>Entrevista Thaysa – 9” Plano Médio</p>	<p>(...) gostar de ler, gostar de escrever, porque a parte de produção ela, ela permite que agente escreva espetáculos em editais.</p>
<p>Animação: COMO É O MERCADO DE TRABALHO? – 5”</p>	<p style="text-align: center;">SOBE MÚSICA <i>El Choclo Tango - Instrumental</i></p>
<p>Professora Palmira – 13” Primeiro Plano GC: PALMIRA SEVEGNANI - Professora</p>	<p>Aqui no curso agente tem costumado éé rotineiramente, abordar essa questão olhando um campo de trabalho mais amplo, pra além da produção cênica, né agente pensar num produtor</p>

<p>Entrevista Glaciane – 13” Primeiro Plano</p>	<p>cultural. (...) tenho colegas meus que já trabalharam no teatro guaira, éé outros que estão trabalhando com produção mesmo né(...) Então que quero fazer o teatro mesmo acontecer, a partir de um grupo teatral.</p>
<p>Entrevista Vanessa</p>	<p>Essa foi a apresentação então do curso de produção cênica, da Universidade Federal do Paraná que é um curso que envolve a produção e a gestão na área de artes cênicas. E é isso, venha fazer o curso com agente aqui.</p>
<p>Imagens paralelas sobre as áreas de tecnologia do curso: Maquiagem, sonoplastia, iluminação e cenografia.</p> <p>LEGENDA: TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA.</p>	<p>SOBE MÚSICA <i>El Choclo Tango - Instrumental -Autor: Maniel Sarrablo</i></p>

QUADRO 2 - ROTEIRO DO PROCESSO DE FILMAGEM
FONTE: Os autores (2011)

4.12 EDIÇÃO

No início do vídeo foi feita uma edição em paralelo que mostra dois eventos separados, com relação entre si, fazendo a alteração de uma cena para outra. E ao longo do vídeo foi feita uma edição continuada, pois não terá efeitos que possam distrair o espectador, assim, o foco são os entrevistados. E já na sequência final será uma edição também paralela e com tempo

simultâneo, ou seja, muda o foco de atenção do espectador, dividindo a tela em várias partes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre o desenvolvimento do vídeo que, segundo os autores pesquisados, têm um grande potencial para ser referência no processo de produção audiovisual.

Com base nos dados coletados na presente pesquisa, é possível apontar algumas considerações. Inicialmente observa-se uma característica relevante sobre a história do vídeo no Brasil, que foi atualizado conforme a demanda tecnológica e as curiosidades de criadores. Outra observação foi feita, conforme as necessidades do mercado de trabalho, pois o vídeo proporciona uma variedade de funções e caberá saber qual modalidade será utilizada, para suprir tal demanda.

Os dados apresentados foram frutos de um processo de leitura e pesquisa sobre o audiovisual. Este trabalho, portanto, abre uma proposta de conhecimento para fazer uma produção do vídeo, especificamente no método do vídeo institucional.

Neste processo de realização do vídeo para o curso de Tecnologia em Produção Cênica, encontramos alguns obstáculos. Entre eles, a falta de bibliografias na área de audiovisual, a falta de equipamentos como câmeras profissionais e laboratórios de edição e, por isso, estamos ciente que o vídeo não se encontra em uma boa qualidade de sons e imagens.

Por fim, mesmo com todos os obstáculos, conseguimos ter um grande ganho de aprendizagem na área do audiovisual, tanto teórico quanto prático. Também tivemos a oportunidade de conhecer melhor o curso de Tecnologia em Produção Cênica, que mesmo sendo da mesma universidade não tínhamos contato anteriormente. Pelo intermédio do coordenador de TPC, tivemos a oportunidade de acompanhar a rotina de um produtor em um dia de trabalho, como exemplo de profissional para o mercado de trabalho do audiovisual, e ter a confirmação de que é realmente esta a área que escolhemos para a nossa vida profissional.

REFERÊNCIAS

BRIEFING para produção de vídeo. Disponível em: <http://cinematika.com.br/roteiro-de-briefing-para-video-produtora/>. Acesso em 17/ 11/ 2011.

KELLINSON, Catherine. **Produção e direção para TV e vídeo; uma abordagem prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

LEMOS, Ronaldo; MACIEL, Marília; SOUZA, Carlos. **Três Dimensões do Cinema**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

MACHADO, Arlindo. **A Arte do Vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

MUSBURGER, Robert B. **Roteiro para mídia eletrônica**. Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 2008.

SANTORO, Luiz Fernando. **A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil**. São Paulo: Summus, 1989.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 51-61.

XAVIER, Carlos; ZUPARDO, Eveleine. **Entregando o outro para os mocinhos**. São Paulo: Zennex Publishing, 2004.

ZANETTI, Eloi. **Making of – como e por que fazer vídeos corporativos**. Curitiba: [s.n], 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – BRIEFING.....	65
APÊNDICE 2 – FOTOS DAS INSTALAÇÕES FÍSICAS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA.....	67
APÊNDICE 3 – AUTORIZAÇÕES PARA USO DE IMAGEM.....	71

APÊNDICE 1 - BRIEFING

Cliente: Curso Superior em Tecnologia em Produção Cênica

Endereço: Praça Santos Andrade, 50 - 4º andar Prédio Histórico da UFPR

Telefones: (41) 3310-2740

E-mail: coordenacaotpc@ufpr.br ou allanvalenza@yahoo.com.br

Coordenador: Prof. Dr. Allan Valenza da Silveira

Vice- Coordenadora: Prof. Ms. Vanessa Gonçalves Curty

Histórico:

O Curso de Tecnologia em Produção Cênica da Universidade Federal do Paraná teve o seu início em 2009 com o primeiro vestibular em 2008, disponibilizando 45 vagas, com ingresso anual, disciplinas semestrais e duração de 3 anos. O curso primeiramente tinha um viés voltado para o antigo curso que havia na universidade, o técnico em artes cênicas, porém, como não havia esse curso no catálogo do MEC, foi mudado o foco, para produção cênica.

O curso agrega disciplinas específicas de teoria, como história do teatro, disciplinas de história da arte, literatura dramática e teoria de encenação. Existe também a área prática, que engloba as experiências de palco e a área de tecnologia, na qual o curso proporciona disciplinas de iluminação, maquiagem, sonoplastia e cenografia. E a última área do curso, que proporciona disciplinas de produção, elaboração e gestão de projetos voltados para a área cênica.

O curso de Tecnologia em Produção Cênica, ainda, não possui uma logo oficial, por isso, será usada no vídeo imagens da fachada da Universidade Federal do Paraná.

Público-Alvo:

O vídeo será destinado a pré-vestibulandos que tenham interesse pelo curso de Tecnologia em Produção Cênica, como também pessoas da própria Universidade Federal do Paraná, que irão acessar o site.

Objetivos:

Desenvolver um vídeo institucional para o Curso de Tecnologia em Produção Cênica da Universidade Federal do Paraná, que será destinado ao próprio site do curso, que servirá para auxiliar os futuros alunos a terem maiores informações.

O vídeo informará a história e o foco principal do curso para, assim, reforçar a identidade da graduação que forma produtores cênicos, os eixos de produção de espetáculos teatrais, linguagem e teoria, tecnologia através de iluminação, maquiagem, sonoplastia e desenvolvimento de projetos.

APÊNDICE 2 - FOTOS DAS INSTALAÇÕES FÍSICAS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA

As fotos foram registradas na etapa de pré-produção, quando fomos conhecer as instalações físicas para, assim, iniciar as gravações.

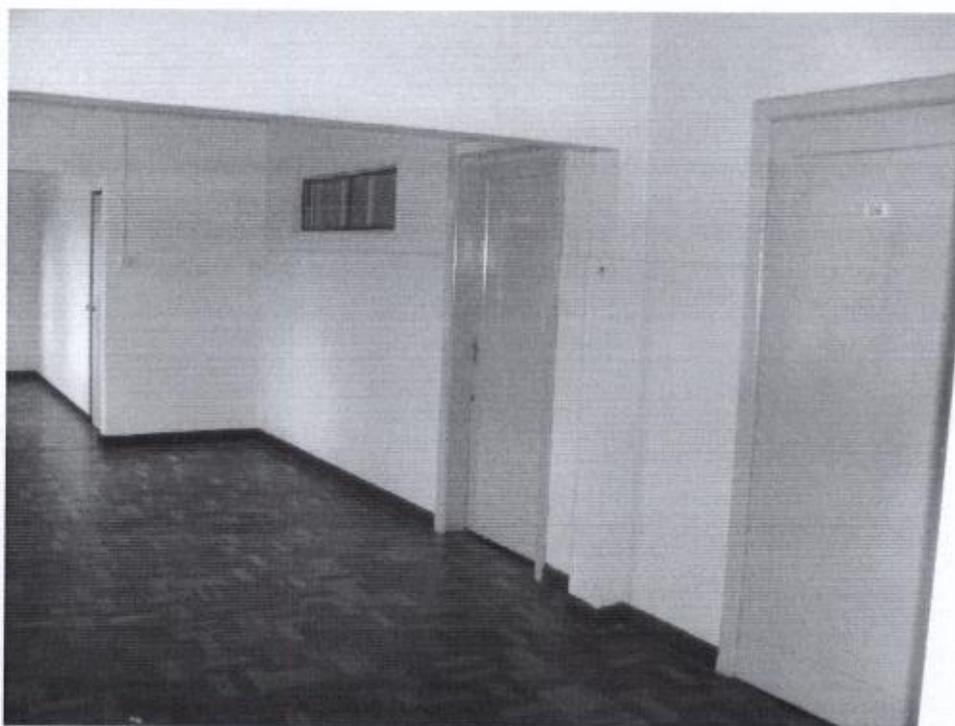


FOTO 1 – ESPAÇO FÍSICO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA
FONTE: OS AUTORES (2011)



FOTO 2 – SALAS DE AULA DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA
FONTE: OS AUTORES (2011)

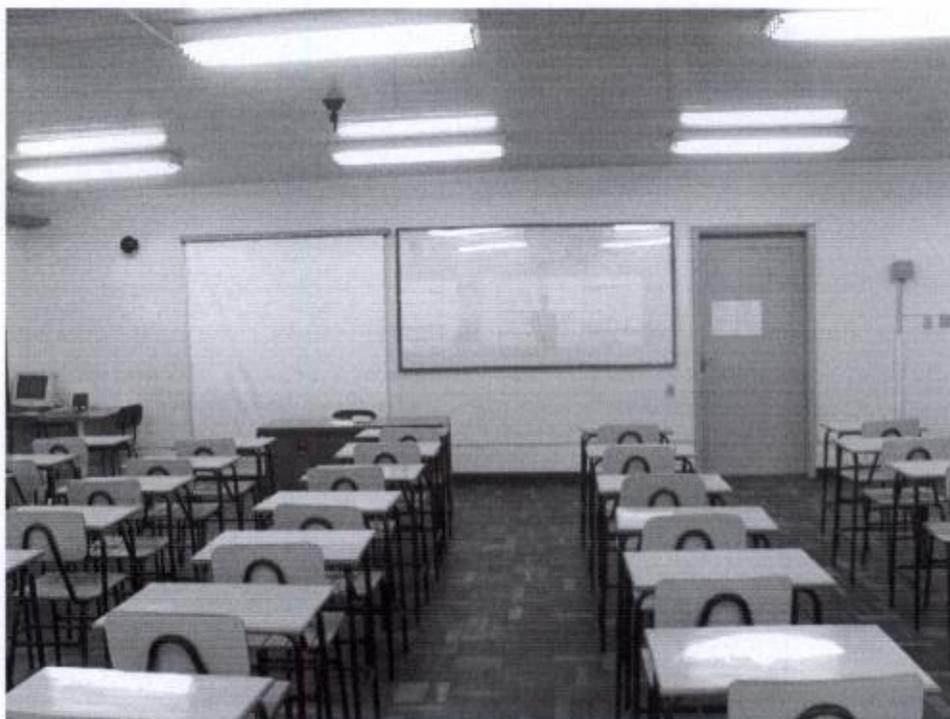


FOTO 3 – SALA DE AULA DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA
FONTE: OS AUTORES (2011)



FOTO 4 – SALA DE ENSAIOS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA
FONTE: OS AUTORES (2011)



FOTO 5 – PAREDE COM PINTURAS ELABORADAS POR ALUNOS DO CURSO DE
TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA.
FONTE: OS AUTORES (2011)

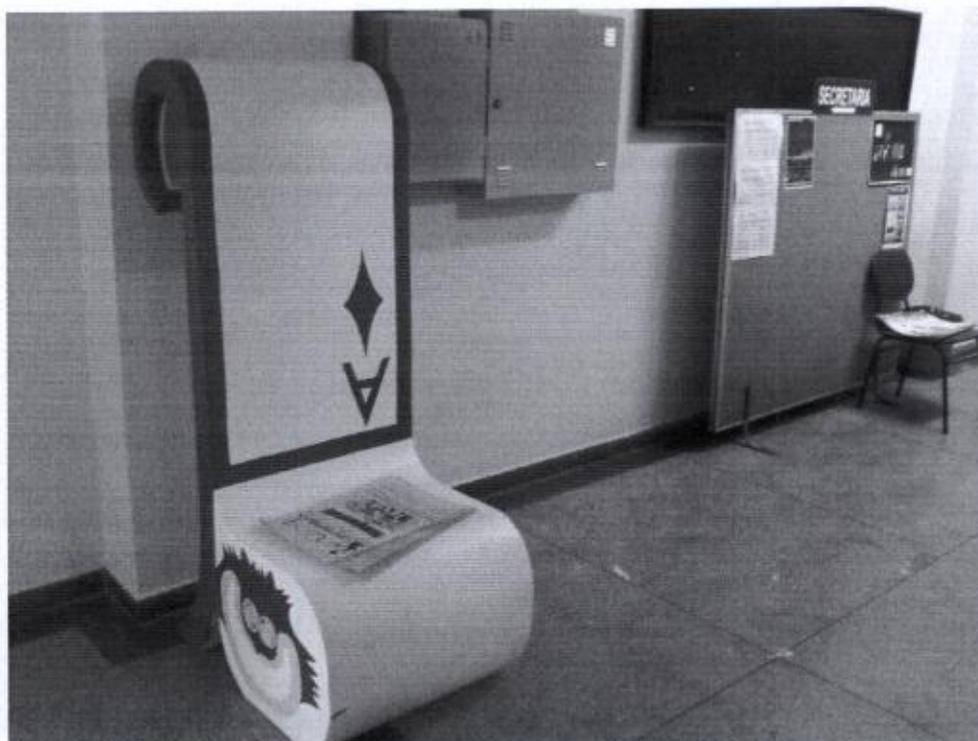


FOTO 6 – CADEIRA ELABORADA POR ALUNOS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM PRODUÇÃO CÊNICA.
FONTE: OS AUTORES (2011)

APÊNDICE 3 – AUTORIZAÇÕES PARA USO DE IMAGEM

As autorizações foram entregues para as pessoas entrevistadas na etapa de produção, no processo de filmagens.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
TECNOLOGIA EM COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Autorização para filmagens

Fu. Allan Valença da Silveira
RG n. 5553472-9 residente a _____
Rua Saldanha da Gama, 86 - ap. 228
_____ cidade Curitiba
_____ estado Paraná, na qualidade de coordenador do Curso de Tecnologia em Produção Cênica e com base no disposto na Lei Federal n. 9610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO a filmagem das aulas, práticas e teóricas, do Curso de Tecnologia em Produção Cênica, pelos alunos: Daiane Jamielniak, Fábio Henrique Decker e Leticia Helen Decker do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da Universidade Federal do Paraná, para a criação de um Vídeo Institucional, como forma de Trabalho de Conclusão de Curso.

Curitiba, 10 de novembro de 2011

Nome completo: Allan Valença da Silveira
Assinatura: [Assinatura] Prof. Allan Valença da Silveira
Coordenador do Curso Superior de
Tecnologia em Produção Cênica
SEPT/UFPR - Matr. SIAD 201469
Data: 10/11/11

Termo de autorização



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
TECNOLOGIA EM COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Autorização para filmagens

Eu, Lu Louise Monteiro de Oliveira
RG n. 126023006, residente a
Rua Cornélio Luís
Suse Dos Santos
cidade Curitiba estado
PR, na qualidade de estudante do Curso de Tecnologia em
Produção Cênica e com base no disposto na Lei Federal n. 9610, de 19 de
fevereiro de 1998, AUTORIZO o uso da minha imagem, pelos alunos: Daiane
Jamielniak, Fábio Henrique Decker e Leticia Helen Decker do Curso de
Tecnologia em Comunicação Institucional da Universidade Federal do Paraná,
para a criação de um Vídeo Institucional, como forma de Trabalho de Conclusão
de Curso

Curitiba,

Nome completo: Lu Louise Monteiro de OliveiraAssinatura: [assinatura]Data: 09/11/2013



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
TECNOLOGIA EM COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Autorização para filmagens

Eu, GLACIANE HEIL DOS SANTOS,
RG n. 9.909.125-4, residente a
R. GUIDO SCOTTI, SSO BLB AP 32
TINGUI Cidade CURITIBA Estado PARANÁ,
na qualidade de estudante do Curso de Tecnologia em Produção Cênica e com
base no disposto na Lei Federal n. 9610, de 19 de fevereiro de 1998,
AUTORIZO o uso da minha imagem, pelos alunos: Daiane Jamielniak, Fabio
Henrique Decker e Leticia Helen Decker do Curso de Tecnologia em
Comunicação Institucional da Universidade Federal do Paraná, para a criação de
um vídeo Institucional, como forma de Trabalho de conclusão de curso.

Curitiba,

Nome completo: GLACIANE HEIL DOS SANTOS

Assinatura: Glaciane Heil

Data: 10 de novembro de 2011



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
 TECNOLOGIA EM COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Autorização para filmagens

Eu, Thaysa Petry Kustão
 RG nº 4.930.224 residente em
Benjamin Constant, 438 - Centro
 Cidade Curitiba estado Paraná

na qualidade de estudante do Curso de Tecnologia em Produção Cênica e com base no disposto na Lei Federal n. 9610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o uso da minha imagem, pelos alunos: Daiane Jamielniak, Fábio Henrique Decker e Leticia Helen Decker do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da Universidade Federal do Paraná, para a criação de um vídeo Institucional, como forma de Trabalho de conclusão de curso.

Curitiba,

Nome completo: Thaysa Petry Kustão
 Assinatura: Thaysa Petry Kustão
 Data: 10 de novembro de 2011

Termo de autorização



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
TECNOLOGIA EM COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Autorização para filmagens

Eu, Luciano d. Miguel
RG n. 6277750-8 PR, residente a
Av. Mateus Leão, 2447
S. LOURENÇO - 82200-000 CURITIBA - PR
cidade CURITIBA estado
PARANÁ, na qualidade de estudante do Curso de Tecnologia em
Produção Cênica e com base no disposto na Lei Federal n. 9610, de 19 de
fevereiro de 1998, AUTORIZO o uso da minha imagem, pelos alunos: Daiane
Tamiełniak, Fábio Henrique Decker e Leticia Helen Decker do Curso de
Tecnologia em Comunicação Institucional da Universidade Federal do Paraná,
para a criação de um Vídeo Institucional, como forma de Trabalho de Conclusão
de Curso

Curitiba, 09 de novembro de 2011

Nome completo: Luciano d. Miguel

Assinatura: Luciano d. Miguel

Data: 09/11/11



Assinatura

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
TECNOLOGIA EM COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Autorização para filmagens

Eu, Allen Valente da Silveira
RGn. 5553479-9 residente _____ a _____
Rua Silveira da Silva, 60, ap. 72 B
Cidade Curitiba estado Paraná

na qualidade de professor do Curso de Tecnologia em Produção Cênica e com base no disposto na Lei Federal n. 9610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o uso da minha imagem, pelos alunos: Daiane Jamielniak, Fabio Henrique Decker e Leticia Helen Decker do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da Universidade Federal do Paraná, para a criação de um vídeo Institucional, como forma de Trabalho de conclusão de curso.

Curitiba, 24 de novembro de 2011

Nome completo: Allen Valente da Silveira

Assinatura: [Assinatura]

Data: 24/11/11



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
 TECNOLOGIA EM COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Autorização para filmagens

Eu, Falmira Sevegnan
 RGn. 2444130 residente 3
Rua Eugênio Flor, 710
 Cidade Curitiba estado PR

na qualidade de professor do Curso de Tecnologia em Produção Cênica e com base no disposto na Lei Federal n. 9610, de 19 de fevereiro de 1996, AUTORIZO o uso da minha imagem, pelos alunos: Daiane Jamielniak, Fábio Henrique Decker e Leticia Helen Decker do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da Universidade Federal do Paraná, para a criação de um vídeo Institucional, como forma de Trabalho de conclusão de curso.

Curitiba, 23/11/2011

Nome completo: Falmira Sevegnan

Assinatura: [Assinatura]

Data: 23/11/2011



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
 TECNOLOGIA EM COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Autorização para filmagens

Eu, Seruya Susayama
 RGn. 6.172.906-2, residente a
 R. ADRIANO SATTIM, 207 - Assis Brasil
 Cidade S. João do Restado - PR

na qualidade de professor do Curso de Tecnologia em Produção Cênica e com base no disposto na Lei Federal n. 9610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o uso da minha imagem, pelos alunos: Dalane Jamieiniak, Fábio Henrique Decker e Leticia Helen Decker do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da Universidade Federal do Paraná, para a criação de um vídeo Institucional, como forma de Trabalho de conclusão de curso.

Curitiba,

Nome completo: Seruya Susayama

Assinatura: Seruya Susayama

Data: 21/11/14



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
TECNOLOGIA EM COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Autorização para filmagens

Eu, Vanessa Guizalves Curtu
RGn. 6.928.141-2 residente _____ a
R. Miguel Ângelo, 42 - 508 B
Cidade Curitiba estado Paraná

na qualidade de professor do Curso de Tecnologia em Produção Cênica e com base no disposto na Lei Federal n. 9610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o uso da minha imagem, pelos alunos: Daiane Jamielniak, Fábio Henrique Decker e Leticia Helen Decker do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da Universidade Federal do Paraná, para a criação de um vídeo Institucional, como forma de Trabalho de conclusão de curso.

Curitiba,

Nome completo: Vanessa Guizalves Curtu

Assinatura: [assinatura]

Data: 22/11/11

ANEXOS

ANEXO 1 - E-mail de autorização para as filmagens em São José dos Pinhais, na

Colônia Mergulhão.

Autorização das filmagens na Colônia Mergulhão

Oi Daiane...

A gravação será na entrada da Colônia Mergulhão, que fica no caminho da Colônia Muricy, em São José dos Pinhais. É super fácil de achar. Vai pela Av. Das Torres sentido Joinville. Logo depois que passa a entrada do aeroporto, têm placas indicando a entrada para as duas colônias. Têm uma passagem / retorno de entrada (indicado pelas placas) ao lado de uma agência do Bradesco na Av. Das Torres.

Na Colônia Mergulhão têm um portal de entrada e estaremos ali, gravando numa casa ao lado do portal, onde funcionava antigamente a Casa da Cultura.

A autorização para acompanharem e filmarem já está dada, pois sou, na condição de diretor, quem autoriza ou não. Não será também necessário da nossa parte uma autorização de uso de imagem.

Aguardo vocês lá então na segunda-feira. Devemos estar lá já ao meio dia para montar os equipamentos e logo na sequência gravar as cenas.

Qualquer coisa, podem ligar.

Att,

Guto Pasko